

455

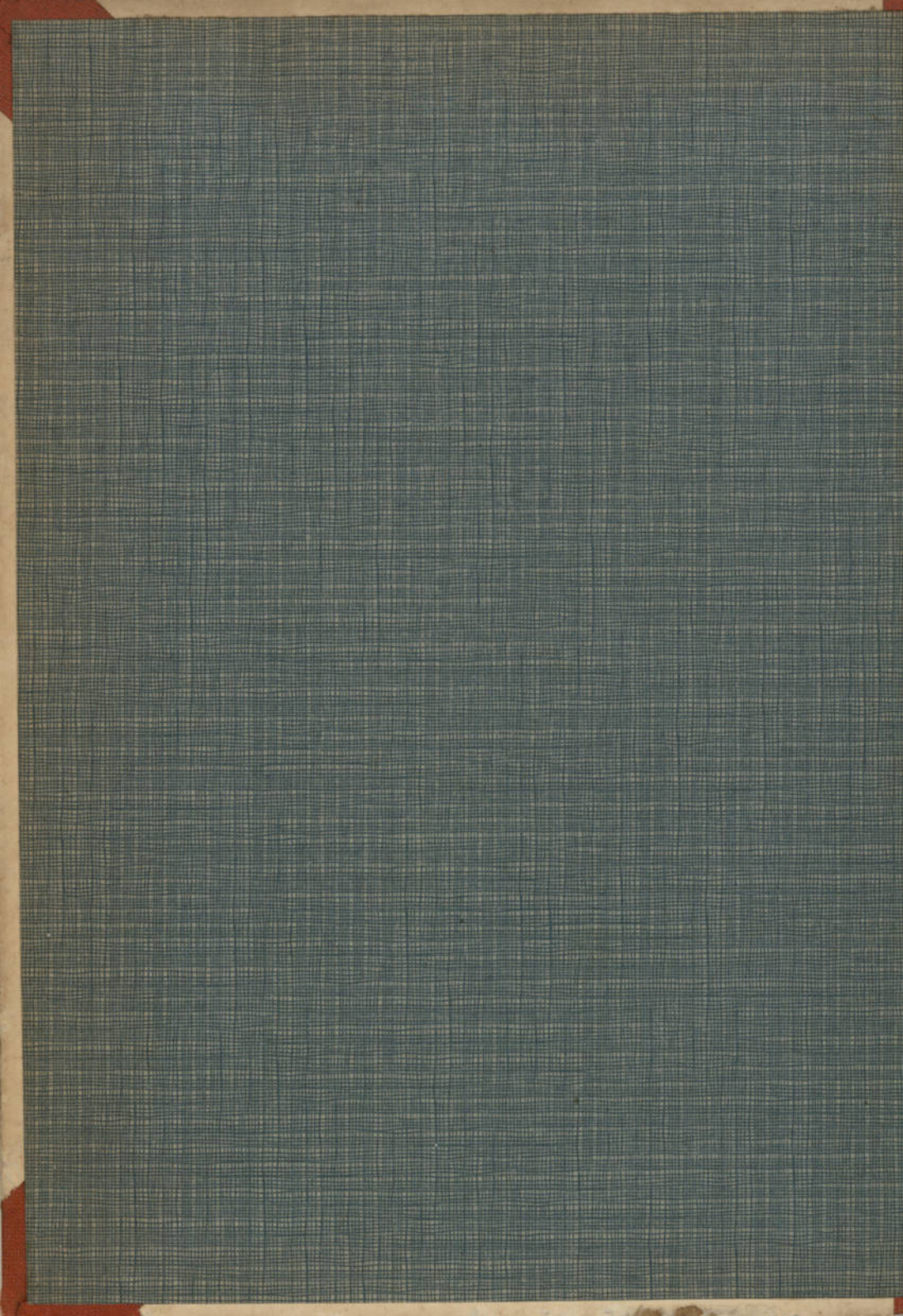
4 295-11

BIBLIOTHECA PARA A INFANCIA
MARIA O'NEILL

RECREAÇÕES INFANTIS



PARCERIA A.M. PEREIRA LIVRARIA EDITORA



L 295-10

Deu entrada em 16
de Outubro de 1913

Suz

Registrado a fl. _____ do livro n.º _____

N.º _____



BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

455-

RECREAÇÕES INFANTIS



1

[Faint, illegible handwriting]

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

RECEIVED

1911

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

FOR

MARIA O'NEILL

19967

A.F.

RECREAÇÕES

◆ ◆

◆ ◆ ◆ ◆

INFANTIS

CONTOS



1913

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta, 44 a 54

LISBOA



1913

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

DA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar

LISBOA

A escrava núbia

Flor de linho era a mais formosa odalisca do harém de Osman-Pachá, que a tinha na mais alta consideração e lhe não recusava cousa alguma. Contudo ela vivia muito triste e raras vezes a viam sorrir.

As companheiras invejavam-na, mas as suas escravas adoravam-na porque, ao contrário da maioria das odaliscas, *Flor de linho* era bôa e caridosa e tratava-as sempre com affecto.

Semi-deitada num baixo *divan*, com as pálpebras cerradas, a formosa odalisca parecia dormir.

Sentada a pouca distância, no chão, uma escrava núbia desferia as cordas dum alaúde acompanhando a sua voz argentina, que entoava uma saudosa canção.

Fóra, via-se pelas tapeçarias entreabertas, que disfarçavam a porta, repuxar a água no tanque que ornava o centro dum pátio interior.

A escrava cantava na própria língua pouco mais ou menos o que eu lhes vou contar.

«Ai! que saudades eu tenho da terra em que nasci!

«Em parte alguma se vê um ceu mais puro, ou prados mais verdejantes!

«O canto das aves tem uma harmonia inegalavel e as águas que correm nos regatos nm murmúrio dulcíssimo!

«Ai! que saudades eu tenho da terra em que nasci!

«Eu não queria morrer sem ver ainda a casa de meu pais: sem visitar o sítio onde dormem os guerreiros da minha nação: os fortes entre os fortes!

«Então eu seria feliz, bem que a vida me tenha sido rude. Porque a flôr que se desfolha em chão propício, volta a germinar e a florescer!

«Ai! que saudades eu tenho da terra em que nasci!

Quando a escrava terminou a canção, a odalisca ergueu-se e fez-lhe um gesto para se aproximar.

— Diz-me, perguntou ela: ¿ tens-me cantado muita vez essa canção?

— Muitas, senhora.

— E' célebre! Nunca ela despertou em mim as idéas de hoje. Fala com franqueza, Gára: ¿ querias voltar livre á terra de teus pais?

Um raio de alegria, logo extinto, fuzilou nos olhos da pobre rapariga.

Depois murmurou:



Osman Pächá

— ¿ Quem sabe, senhora, se a escrava já não tem família ?

E a sua voz, ao dizer isto, traía um fundo sentimento de tristeza.

Nessa tarde, quando Osman-Pachá a veio visitar, a odalisca disse-lhe:

— Tenho um grande favor a pedir-vos, meu senhor, e por êle é que saberei se tendes ou não por mim o affecto que dizeis. . .

— ¿Algum novo capricho? perguntou o Pachá, levemente descontente.

Flor de linho ordenou á escrava que entoasse de novo a canção, que de manhã lhe ouvira.

A pobre criatura obedeceu comovida. De cada vez que ela repetia: «Ai! que saudades eu tenho da terra em que nasci!» o semblante de Osman-Pachá tornava-se mais carregado e feio.

Quando o canto terminou, a escrava retirou-se recuando, a um gesto da odalisca, e esta, num tom de voz meigo e persuasivo, perguntou:

— ¿Compreendeis agora a graça que tenho a pedir-vos?

— Não, respondeu rudemente Osman-Pachá.

E, com a cólera a fuzilar-lhe nos olhos, apertou involuntariamente o cabo de um rico punhal todo cravejado de pedras preciosas.

A odalisca desatou a rir. E, como isso era raro, Osman-Pachá interrogou-a com o olhar. Ela continuou a rir. Então o Pachá perguntou:

— ¿De que ris com tanto gosto?

— Senhor, respondeu ela, da falsa idea que for-

mastes, e de vêr quanto ela é imprópria do conhecimento que deveis ter das pessoas e das cousas. Causou-me riso vêr que estais sujeito a errar como qualquer dos vossos escravos.

— Não vos entendo.

— Pois é simples. Eu não falava de mim, senhor. Não ha para mim felicidade longe da vossa vista: e, se tão poucas vezes rio, é porque não estou sempre junto de vós. As flôres, que vivem na sombra, têm saudades do sol, e, se êle persiste em as não animar com os seus raios benfazejos, morrem estioladas. Vós sois o sol, senhor: eu sou a flôr umilde que morreria, se me afastasseis do vosso olhar.

Já risonho, Osman-Pachá perguntou:

— ¿De que se trata então?

— Ha muito que esta escrava canta esta melancólica canção; mas, ou porque era perto da hora da vossa visita, ou porque estaveis presente, eu nunca tinha notado a pena do seu coração ao canta-la. Hoje, porém, que era o terceiro dia que passava sem vos vêr, o meu coração estava cheio de saudade, (não ha pior dôr que a da ausencia) e chamava por vós como a voz da núbia pela casa de seus pais. Olhei-a então, compadeci-me dela, e fiz no meu coração o voto de que, se me fôsse hoje dado vêr-vos, visto que por um momento senti a sua dôr igual á minha, vos pediria que, com carta de alforria, a deixasseis voltar á terra em que nasceu e á casa de seus pais.

— Tendes um grande coração, *Flor de linho*, visto

que vos compadeceis assim das vossas escravas. E, como tudo que acabais de me dizer é muito lisonjeiro para mim, não só vos concedo o que pedis, como lhe



Flôr de Linho

darei meios com que possa viver no seu país ao abrigo de todas as necessidades materiais.

— Vou chama-la, senhor, para que vos agradeça tanta magnanimidade.

— E' inutil, respondeu Osman-Pachá. O que faço é por vós e não por ela.

Quando Osman-Pachá se retirou, a bôa *Flor de linho* correu a chamar a escrava e disse-lhe:

— Canta-me outra vez a tua canção:

E a escrava começou:

«Ai! que saudades eu tenho da terra em que nasci!

.....

Ouvindo-a, as lágrimas borbulhavam e caíam dos olhos da *Flor de linho* que, com um suspiro de profunda saudade, murmurou:

— Só eu não verei mais a terra em que nasci, nem a casa de meus pais! Mas tu, Gára, és livre e podes ainda ser feliz.

E contou á escrava como obtivera de Osman-Pachá a sua liberdade.

No auge da alegria a núbia beijou-lhe os pés, e retirou-se radiante a preparar tudo para a sua próxima partida.

*

*

*

Saindo de ao pé de *Flor de linho*, Osman-Pachá dirigiu-se a outra parte do harêm onde habitava *Flor Vermelha*, a pior das odaliscas que possuía, mas não menos bela do que *Flor de linho*. Era chamada *Flor Vermelha* por ser muito feroz e sanguinária.

Quando Osman-Pachá entrou, saíam quatro negros, levando nos braços um corpo inanimado.

— ¿Que é isto? perguntou-lhes Osman-Pachá com desagrado.

— E' Lia, a minha escrava mais bonita, senhor. Matei-a porque a chamei tres vezes e não apareceu.

— ¿ Só por isso?

— ¿ E' pouco, senhor?

Osman-Pachá não respondeu. Voltou-lhe as costas e saiu.

Em vão ela esperou a sua visita durante três dias. Ao quarto foi-lhe anunciado pelo chefe dos eunucos que Osman-Pachá, já cansado de tanta perversidade, a mandava exilada, a quarenta léguas de distância, para um velho palácio, onde residiam as velhas odaliscas que tinham pertencido a seu pai.

Flor Vermelha pediu em vão misericórdia. Osman-Pachá não quis vê-la nem ouvi-la.

Ali viveu e morreu entre velhas, quasi todas feias e más, ralada de remorsos e cheia de inveja pelo imenso fausto e grandeza de que gozava *Flor de linho*, sempre no agrado de Osman-Pachá, que lhe admirava, ainda mais do que a beleza, as qualidades de coração. Acabou, com grande escândalo da cõrte, por ir visitar a terra em que nascêra e a casa de seus pais em companhia de Osman-Pachá.

*

*

*

Um dia que *Flor de linho* passeava nos jardins reservados do harêm, vieram dizer-lhe que estava ali uma núbia, muito rica decerto, porque trazia um grande séquito de criados e camelos carregados, ao que parecia, de sumptuosas alfaias.

Com licença de Osman-Pachá foi introduzida a estranha visita. Era Gára, a linda escrava núbia de *Flor de linho*. Casára rica com um chefe de tribu e, nas suas horas de ócio, cantava acompanhando-se no alaúde :

«Ai! que saudades eu tenho do tempo em que fui escrava!

«Em que vivi na solidão do harêm!

«Ao som das minhas canções dormia a *Flôr de linho*,
a mais bela odalisca de Osman-Pachá!

«Eu não queria morrer sem vêr ainda

os olhos de safira em que se espelha o ceu :

os lábios de coral de onde as palavras córrem como pérolas!

«Ai! que saudades tenho do tempo em que fui escrava!

«Eu não posso sêr feliz sem vêr ainda

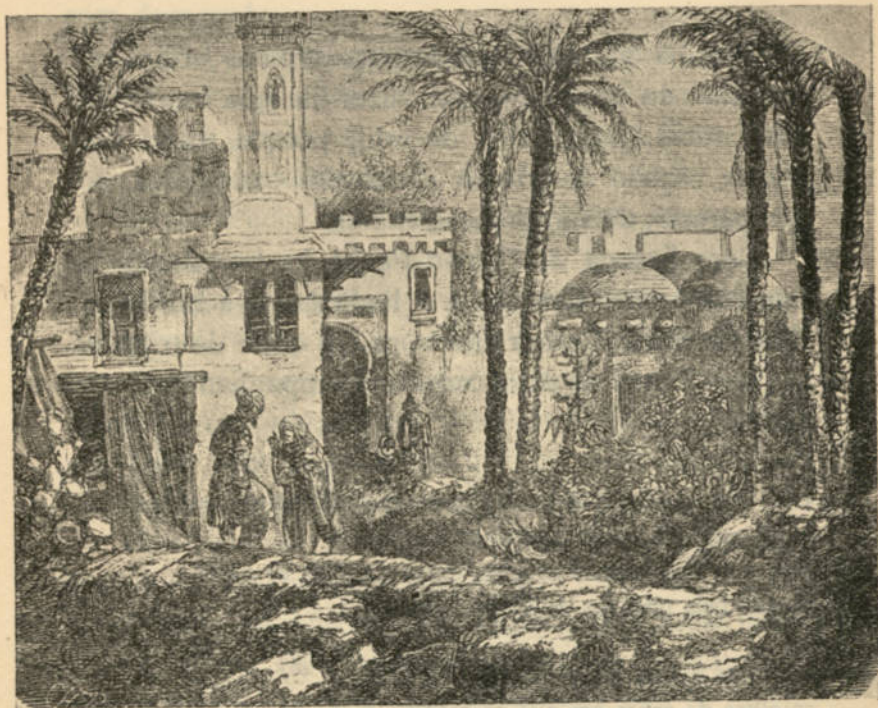
a doce e meiga *Flôr*, que me deu vida

e me volveu á terra desejada, onde dormem meus pais.

«Ai! que saudades tenho do tempo em que fui escrava!

O marido de Gára, que adorava a mulher, e era

um poderoso senhor, resolveu leval-a a visitar *Flor de linho*. Carregaram muitos camelos de ricos presentes e partiram.



Os jardins do harêm

Depois duma longa e tormentosa viagem chegaram enfim aos domínios de Osman-Pachá.

Flor de linho recebeu a sua antiga escrava com grande prazer e ficou maravilhada com a beleza dos presentes. Sobretudo o que mais a impressionou e comoveu foi uma pequenina núbia, filha de Gára, e que

esta lhe pedira que guardasse ao seu serviço para aprender com ela a ser virtuosa e bôa.

Flor de linho aceitou o presente declarando que a não queria escrava e faria dela uma excelente mulher, digna da sua mãe, que não esquecia na prosperidade os amigos das horas de infortúnio.

Osman-Pachá festejou muito a pequenina e deu-lhe um papagaio que, aprendendo quanto ouvia, sabia dizer:

«Ai! que saudades eu tenho do tempo em que fui escrava!

«Ai! que saudades eu tenho da terra em que nasci.

E no fim dava uma grande gargalhada, que a pequenita repetia sempre.

E todos riam, ouvindo-os.



A LIÇÃO DE BÉBÉ

De pé, junto da carteira,
Diz o velho professor :
— Das cinco partes do mundo
Qual sabe que é a menor ?

Bébé está muito enfiado :
Receia dizer asneira,
Mas responde : — A Europa, que é
A mais povoada e primeira

Quanto á civilização.
— Bem, responde o professor,
Vejo que estuda, menino.
Agora, faça favor,

Diga : quais os seus limites ?
Bébé, muito envergonhado,
Nada sabe responder.
Vendo o pequeno calado,

Pergunta ainda o doutor :
 — Menino Luis Simões,
 ¿Fiz-lhe cedo o elogio?
 ¿Não me estudou as lições?

Continuando o silêncio,
 Interroga o professor :
 — ¿Em quantas partes divide
 Essa que chama menor?



De pé, junto da carteira,

— Dezasseis principais, sopra-lhe
 Um condiscip'lo de trás.

— São dezasseis principais . . .

— Bem, diga-as lá, meu rapaz.

— Ao norte as ilhas Britânicas,

A Dinamarca . . . — ¿E que mais?

— A Suécia, a Noruega, a Rússia,

A Polónia e os seus canais.

— Os canais! Mas que tolice!

— A que vem canais aí?

— Eu não sei, senhor doutor,

Tenho uma idea que li. . .

— Não me diga disparates.

Responda com prontidão. . .

Mas. . . que papelinho é êsse

Que tem oculto na mão?

Viu-se forçado Bébé

A mostrar o tal papel.

— Ah! já percebo a sciência.

Dar lições assim é mel. . .

Não lhe pergunto mais nada.

Volte já p'ra o seu lugar

E pode contar com um zero

Visto andar a cabular.

Mas tantas cólicas teve

Nesta lição sem saber,

Que o pouco que nela ouviu

Não tornou mais a esquecer.

Diz-lhe por troça o irmão

Que só com sustos iguais

Acabará por saber

As dezasseis principais.

E o pai, vendo-o preguiçoso,
Sempre ignorando a lição,
Vai manda-lo, por castigo,
Andar co'as mãos pelo chão.



Leocádia

A velha Maria Joaquina da Horta tinha uma neta de oito anos, muito bonita e engraçada, mas muito preguiçosa. As mestras da aldeia, que eram duas, já se recusavam a recebê-la e a mãe e o pai tinham resolvido mandá-la guardar os porcos visto ela não querer continuar a estudar. A pequena entrou chorando em casa da sua velha avó.

—; Que tens tu, rapariga? Dêste algum golpe nos pés?

E olhava aflita os pés descalços da neta.

— Não, avózinha, mas acontece-me pior. O pai quer que eu vá guardar os porcos para os montados, e eu não estou ainda afeita a ir só para tão longe. . . Tenho mêdo!

— Uma mulher, que faz oito anos pelo S. Miguel, a dizer-me que tem mêdo! ; Tu não tens vergonha, Leocádia?

A pequena baixou a cabeça, confusa, e parou de chorar.

— Ora dize-me cá, tornou a Joaquina da Horta, sentando-se sobre uma arca : ; que maldade fizeste tu para teu pai te destinar tal castigo ?

— Não sei as lições e por mais que faça não ha meio de aprender a lêr.

— Isso não é verdade, tornou a velhinha com modo severo ; se fôsse, é porque eras estúpida e eu bem tenho visto que o não és. Vamos, confessa-me a verdade ; ; porque é que tu não sabes as lições ?

— Tenho preguiça de estudar sósinha.

— Então é bem feito que os teus pais te mandem guardar porcos.

Fez-se um longo silêncio e Leocádia recomeçou a chorar.

— Bem, não te amofines, rapariga. Eu vou falar ao teu pai e tenho esperança de que alguma cousa hei de conseguir.

A bôa velha embrulhou-se no chale e, tomando a neta pela mão, dirigiu-se para casa do filho. Mal tinham chegado ao cume do pequeno outeiro onde se erguia a modesta habitação dos pais de Leocádia, quando, olhando ao longe, o viram seguir pela estrada vergado sob um fardo de feno.

— Em menos de meia hora estará aqui, afirmou a mãe resguardando os olhos dos raios do sol para melhor ver o marido.

— Pois, enquanto êle não vem, deixa-me dizer-te o que cá me traz.

— Sou toda ouvidos, respondeu a senhora Luísa de Jesus, sentando-se em frente da sua sogra.

— A nossa Leocádia, tornou a velhita, apareceu-



... vergado sob um fardo de feno.

me em casa muito chorosa porque, pelos modos, tu e o pai querem que ela vá guardar os porcos.

— É verdade. Ela não estuda... e *vomecê* bem percebe que quem come e bebe não pode andar á bôa

vida. Eu aos cinco anos já fazia a minha tarefa na meia e guardava as cabras do tio Jacob.

— Não digo menos disso, mas a pequena está arrependida e promete estudar: eu farei, embora me custe, o sacrifício de lhe ensinar a lição. Se, ao fim dum mês, ela não fizer diferença, façam então aquilo que lhes parecer, mas primeiro deixem-me experimentar se consigo dela alguma cousa.

— Não vou longe de lhe fazer a vontade, mãe; o ponto é que o nosso Zé esteja por isso.

— Tu és uma pessoa com quem a gente sempre se entende.

— Olhe, mãe, não será nunca por meu gosto que a rapariga me ande com os porcos. Eu lá andei por esses pastos e não fiquei com saudades, mas *vomecê* bem percebe que quem não é rico não pode passar a vida a papar môtas.

— O trabalho do menino é pouco, mas quem o perde é louco, diz o rifão, afirmou a Joaquina da Horta sorvendo uma pitada.

— Ora seja Deus nesta casa! bradou entrando o pai de Leocádia.

E reparando na mãe, ajuntou com alegria:

— A sua bênção minha mãe. ¿Como vai a saúde?

A velhita, abençoando-o, respondeu:

— Eu te digo, menino; não tenho tantas dôres nas espáduas como a semana passada... mas isto ainda vai longe de estar bem.

— Pois não esperava agora ter a satisfação de a vêr.

— Nem eu tencionava cá aparecer hoje. . . Eu já te digo ao que venho. . .

E a bôa mulher intercedeu pela neta com o maior empenho.

Leocádia, sentada a um canto da casa, ouvia em silêncio quanto se dizia; por fim, quando o pai cedeu aos desejos da avó, saiu do canto e correu a abraça-lo com ternura.

Desde o dia seguinte Leocádia começou a estudar a lição com a sua velha avó. Nos primeiros dias tudo correu muito bem; mas no comêço da segunda semana já Leocádia bocejava e se aborrecia de estudar. Então fazia, com a sua pequena mão, festas na cara da avó e dizia-lhe com muita meiguice :

— Mais não, não?

Então a velhinha, sorrindo, perguntava-lhe :

— ¿E os porcos? Queres ir guardá-los?

— Isso não.

— Lá me queria parecer. Ora vamos lá: *t, a, r, tar d, e, de* ¿que faz?

— Tarde, juntava a pequena com um suspiro de quem se sentia saturada.

Passaram os dias e, como no fim do mês os progressos eram sensíveis, os pais não tornaram a falar nos porcos.

Um dia, estava a mãe de Leocádia a mexer as cassarolas na cozinha, quando bateram á porta. So-

bresaltou-se e fez cair dois pratos que tinha colocado sobre a chaminé.



A lição da avósinha

— Lá vou! gritou ela com mau modo.

— ¿Então partiste a louça? perguntou-lhe a sogra entrando.

— Apenas um prato... não esperava ouvir bater e...

— Bem, deixemos isso. ; Sabes ao que venho?

— *Vomecê* dirá.

— Dar-te uma grande novidade: a nossa Leocádia já lê que é uma beleza ouvi-la.

— Credo! Pode lá sêr!... Pois se ha apenas uns dias...

— Tu verás, tu verás.

Daf a pouco chegou Leocádia e, logo atrás, o pai. Puzeram-se a jantar e falaram nas cousas da sua terra, porque o que se passava fóra dela não os interessava.

— ; Então quando fazes a apanha da azeitona?

— Lá para o fim do mês.

— Pois olha que já vão sendo horas.

— O tio *Manel*, pai, já foi ontem á caça dos tor-dos: diz que agora é que êles estão gordos.

— Pudéra não, comentou a mãe, estão fartos de azeitona.

— Pois o Chico das Lameiras já anda a vareja-la.

Terminaram o jantar pelo caldo e vieram sentar-se á sombra dum pinheiro manso que lhes ficava á porta.

A Joaquina da Horta meteu a mão ao bolso e tirando um jornal, disse para o filho.

— Repara, Zé, olha que é o jornal de hoje. Fui pedi-lo emprestado á venda do Custódio. Não quero que me digas que a cachopa lê de cór. Anda cá, menina ,lê aí.

Leocádia, muito corada, pegou no jornal e leu :
«Ontem, pelas 3 horas da tarde, ficou debaixo
dum automovel uma pequenina de seis anos que, sem
querer dar a mão á sua criada, atravessou a rua a
correr. Foi conduzida ao hospital em estado grave».



... e fez cair dois pratos

Os pais de Leocádia estavam espantados da maneira correcta por que a filha tinha lido estas linhas. Leocádia foi coberta de beijos e a avó abraçada pelo milagre que tinha feito. O pai, comovido, prometeu-lhe:

— Pois vaes ter uma prenda : um lenço vermelho para estreares no Natal.

— E eu, disse a mãe, compro-te uns tamancos novos.

Leocádia olhou para a avó e perguntou:

— É a avózinha que me dá?

— Eu não dou; recebo, porque tive mais trabalho do que tu.

Leocádia saiu a correr de ao pé dêles e momentos depois voltou com uma gaiola pequena em que havia um lindo pintasilgo. Dando-a á avó, disse-lhe:

-- Visto que me ensinou a ler, dou-lhe o meu pintasilgo. Êle canta muito bem, e vai ensinar a minha avó a cantar.

A velhita agradeceu comovida e, quando no dia immediato a pequerrucha foi a casa da avó, encontrou-a a cantar:

O cabelo enbranqueceu,
A minha cara enrugou-se.
O coração não morreu:
Quem o julgar enganou-se.

E o pintasilgo cantava com ela alegremente.

Leocádia tomou gosto pela leitura. Voltou para o colégio onde as mestras a têm em muita consideração e já vão dizendo ás pequenitas que a Leocádia ha de ser um dia a mestra da aldeia.

E ela, muito contente, vem contar isso aos pais e á avó, que impam de orgulho e vaidade.

Ou êles lhe não quizessem do coração!

O nome da irmã

— Minha mãe quer que eu vá sêr
Madrinha de minha irmã.
Diz-me que lhe escolha um nome :
¿Será bonito Romã?

A avó, ouvindo a pergunta,
Responde assim á nêtinha :
— Romã é nome de fruta
E não de mulher, tontinha!

— Então, ensine-me, avó,
¿Que nome é que hei de escolher?
— Um nome que obrigue a muito
Quem bem o quizer trazer.

Medita a velhinha e diz :
— ¿Porque lhe não pões Cornélia?
— Então seria melhor
Darmos-lhe o nome de Amélia.

— Não. Esse nome em grandêza
O que eu disse não irmana.
Romã fez-me lembrar Roma,
Roma, uma grande romana :

«A mãe dos Gracos, Cornélia,
«Tão altiva e tão notavel,
«Que brilha através dos séculos
«Como um astro incomparavel.



— Então, ensine-me, avó.

«Viuva, e jovem ainda,
«Com dois filhinhos ficou
«E, sem pensar em mais nada,
«Nobrememente os educou.

«Ptolemeu, rei do Egipto,
«Veio pedir-lhe a sua mão:
«Ella não quis ser rainha
«Mas reinar no coração

«Dos filhos. Tibério e Caio
«Eram a glória da mãe.
«Para o provar, vou contar-te
«Um caso que a pêlo vem:

«Uma dama da Campânia
«Foi mostrar-lhe com vaidade
«Jóias de imenso valor
«Na beleza e raridade.

«Depois, curiosa, quis vêr
«Se as dela eram mais modestas.
«Cornélia mostrou-lhe os filhos:
«— As minhas jóias são estas.»

«Ora dize, minha neta,
Pergunta a velha avòzinha,
; Achas um nome mais belo
P'ra dar á tua irmãzinha?

— Será Cornélia Romana
O nome que lhe porei.
— Aprovo e louvo, Laurinha:
Não perdi quanto contei.

Mas o irmão da pequena,
Que estava á porta a escutar,
Brada, gaiato, da porta:
— É bom primeiro pensar:

«A' criada cá de casa,
«Que é feia como um trovão,
«Deram-lhe o nome de Rosa.
«Parece que é mangação!

—Vá-se já daqui p'ra fóra,
Seu garotoço atrevido:
A Cornélia cá de casa. . .
— Tem dois palmos de comprido,

Brada o maroto fugindo
A' fúria da sua mana.
Diz a avó:— Não faças caso. . .
Põe-lhe Cornélia Romana.



Atribuições dum sábio

— Era uma vez um célebre antropólogo. . .

— ;O que é antropólogo, paizinho? perguntou Renato, que se gabava aos companheiros de estudo de que ninguêem ouvia histórias mais lindas do que as que lhe contava seu pai, um oficial de marinha, que passára a maior parte da sua vida a viajar.

— E' aquele que se dá ao estudo da história natural do homem: estudo difícil porque o naturalista, que se dedica em especial a um determinado grupo orgânico, tem primeiro de examinar o maior número de indivíduos dêsse grupo, e, depois, de os classificar segundo as diferenças ou semelhanças que nêles se encontram: ora, como o homem está espalhado pelo mundo inteiro, mais difícil se torna estudá-lo pelo muito dinheiro que, além dum aturado trabalho, é preciso dispende.

— ;Então êle não pode estudar-se a si próprio?

— Pode, mas não basta: e justamente é esse es-

tudo do próprio ser uma das maiores dificuldades do antropólogo.

— Porquê?

— Custa muito ser imparcial.

— ¿Ser imparcial é ser justo?



Renato e o pai

— Que vergonha! Fazer uma pergunta dessas, um rapaz de dez anos!

— ¿Enganei-me?

— Não; mas a pergunta admite dúvida e nela é que cabe a censura, ¿percebes?

Renato sorriu:

— ¿Então não havia de perceber? Mas vamos á história. O pai dizia: «Era uma vez um antropólogo...»

Sorrindo, o antigo marinheiro continuou :

— Levado pelo amôr dos seus estudos, foi um dia parar á terra dos Fijianos, povo selvagem da Oceania, apesar de saber que êles gostam de comer carne humana e que, não raro, guisam ou assam um inimigo para o jantar, como se fôsse a cousa mais natural do mundo.

«O nosso antropólogo levava consigo muitos homens armados, porque, embora soubesse que êles desprezam a carne dos brancos, sempre tinha receio de que o comessem para provar um acepipe novo.

«Foi recebido com muita pompa, e o rei, em sinal de regozijo pela chegada de tão nobre estrangeiro, resolveu oferecer-lhe um banquete.

«Claro está que o melhor prato que apareceu era um guisado delicioso, feito duma rapariga linda, a melhor que nessa ocasião havia para vender no mercado.

«O nosso sábio naturalista, ao ouvir anunciar o horrível manjar, fez tenção de não comer; mas o seu intérprete disse-lhe que, se tal cousa fizesse, desafiaria a cólera do rei, perderia as despesas de tão longa viagem e nem a vida salvaria porque o rei acharia que tal recusa era uma ofensa, e as ofensas ao rei punem-se naquelle povo com a morte. E, em ar de consolação, ajuntava :

«— Mas, se o que te desagrada é que te comam, podes estar descansado que ninguêm te quererá: a tua carne é branca, não presta.

«E, dizendo isto, os lábios descaíam-lhe num gesto desdenhoso.

«Guilherme Coca, o nosso sábio, não ficou nada satisfeito com a idea de ser morto, e a consolação, que o Fijiano lhe dava de não ser comido, pareceu-lhe bem tola.

«Não sabia que fazer, quando o rei lhe estendeu no seu próprio prato, — era o cúmulo da distinção, — um bocado de braço da linda criatura que, para maior agravo do seu mal, vira conduzir viva para a cozinha.

«O intérprete, fez conhecer por sinais ao antropólogo que o rei já não estava contente com a demora.

«Então Guilherme Coca, que não era um valente, pensou:

« — Antes comer do que ser comido.

«E, corajosamente, serviu-se de um bocado de carne e comeu. Depois, voltando-se para o intérprete, fê-lo dizer ao rei que, no seu país, quando se achava um manjar magnífico, provava-se mas não se comia: era reservado para o rei. E êle pedia para seguir o uso da sua terra e tratá-lo como se fôsse seu fiel vassalo.

«O rei, que era muito guloso, achou ótimo êste uso dos civilizados, que Guilherme lhe descrevia, e disse que dali em diante o faria adoptar no seu reino.

«Então os outros Fijianos olharam com rancor o estrangeiro que vinha trazer-lhes um novo uso que tanto prejudicava a sua gulodice, e resolveram que nessa noite lhe fariam pagar cara tanta amabilidade.

«Mas uma jovem mulher, que ouvira a combinação e que achava o branco mais bonito do que o sol, veio preveni-lo de que fugisse, pedindo-lhe que a levasse consigo.

•Sem saber já de que terra era, tão grande era o



O rei dos fijianos

mêdo que o pobre sentia. chamou os seus homens, e a fuga efectuou-se sem grande dificuldade, devido ao completo estado de embriaguez em que todos os Fijianos se encontravam.

«Regressando á sua terra, Guilherme Coca mandou educar a sua salvadora e casou com ela por gratidão. Interrompeu os seus estudos e nunca mais quis ouvir falar de antropologia. Os seus amigos não podiam perceber o que motivara um desapêgo assim pelo estudo que durante tantos anos o enchera de glória e vaidade. Um deles, mais ousado, não resistiu a perguntar-lhe:

« — ¿Tens alguma dúvida em me dizer o motivo por que abandonaste a tua brilhante carreira?

« — ¿Tens muito empenho nisso?

« — O maior.

« — Pois bem, vou dizer-to, mas com a condição de que o não repetirás a ninguém.

«E, depois dum instante de silêncio, disse:

« — Devo á minha curiosidade científica os dois piores males que conheço: ter comido mulher morta e aturar mulher viva. Como não posso prever que mais horrores me reservaria o estudo da antropologia, resolvi-me a mudar de vida e vou ser. . .

« — O quê?

« — Advogado. Sou coerente comigo, bem vêes. Preferi comer a ser comido, mas nunca mais, nunca mais a poderei esquecer.

« — ¿A tua mulher?

« — Não. . . a outra, de que eu comi um bocadinho. Não tornei a provar carne. Apenas a vejo sinto tremuras no estómago. Não imagines porêem que ela me soube mal. . . Não; mas parece-me que nenhuma outra carne me saberá mais como aquela.

« E, com o olhar desvairado, perguntou-lhe:

« — Deixas-me cortar dois dedos da tua mão para os mandar frigar?

« O amigo, espantado da proposta e receoso de que êle estivesse contaminado pela mania canibalesca dos Fijianos, não lhe respondeu e foi apressado comunicar o caso á policia.



... fugindo á gula dos canibais

« Sujeito a um exame médico, o pobre sábio foi, meses depois, internado num manicómio.

« Foi o que êle ganhou em ter provado o magnífico piteu do rei dos Fijianos. Anda só e triste pelos vastos corredores do hospício, dizendo constantemente : — «Antes comer do que ser comido».

«E julga vêr, de noite, atravez das florestas, desgraçados europeus, como êle, fugindo á gula dos canibais.

«A linda Fijiana, com quem êle casou, tornou-se uma mulher notável pelo estudo e vai empreender a difícil tarefa de convencer os Fijianos a não comerem mais carne humana. Quando lhe mostram os grandes riscos que vai correr nesse humanitário empenho, responde com grande indiferença.

« — O mais que me pode acontecer é ser comida. Se lá tivesse ficado, ha muito que a minha carne teria sido apreciada e se falaria nella por muito tempo como do melhor manjar que existe.

«E, inconscientemente, dizia isto com uma grande e orgulhosa vaidade. O que mais uma vez veio provar que, nem só em sentido figurado, uns nascem para comer e outros para serem comidos».



Os três queijos

Uma vez um padre velho,
Que andava pelas missões,
Quis mandar a um seu colega
Um presente de melões.

Chamou um preto; entregou-lhe
Os melões e um bilhete,
Recomendando: — Cautela!
Não percas nada, Roquete.

Era assim chamado o preto
Porque tinha o apelido
Do padrinho de baptismo,
Que ha muito tinha morrido.

Logo que se encontrou longe
Das vistas do bom vigário
Comeu dois melões. Depois
Foi ter co'o padre Oldegário.

Deu-lhe o bilhete, os melões,
 E afirmou não ter mais nada.
 — Mas os melões eram cinco!
 Diz-me o reverendo Alçada.

— ¿Aonde *dizeu* êle isso?
 — No papel que me trouxeste.
 — O papel é mentiroso. . .
 — Mentira é quanto disseste.



O preto Roquete

«Leva-lhe agora três queijos,
 «Que da terra me mandaram;
 «Mas, repara bem, são *três*,
 «Só três outros cá ficaram.

— *Si*, — meu *sior*. ¿A cartinha?
 — Vou 'screvê-la num momento.
 O preto, enquanto está só,
 Dá voltas ao pensamento:

— Que esperto é o tal papel!
Conta tudo quanto sabe,
Mas não intruja o 'spretinho...
De enganá-lo não se gabe.

Quando o padre lhe entregou
O bilhete, foi-se embora.
Mas, mal o perdeu de vista,
Logo no chão se acocora.

A carta põe bem oculta
Sob uma pedra, e depois
Abre o cêsto e diz ao queijo:
— Vamos conversar os dois.

«E' muito bôa esta cousa,
«Que vem lá de Portugal.
«Inda comia mais um
«Porque o que é bom não faz mal.

«Mas o *spadre*, quando fala,
«Diz os queijos e não o:
«Podia vir a saber
«E dizer-me: — Fôste tu.»

Depois, foi buscar a carta
E pôs-se de novo a andar.
Quando chegou á missão
Foi tudo ao dono entregar.

Mal leu a carta, o vêlhitto
Diz-lhe: — Falta aqui um queijo
— Não falta, não, *sior spadre*,
— E' pela carta que eu vejo.



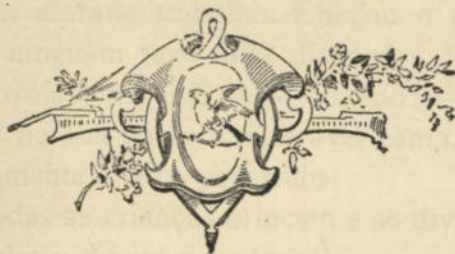
O preto Roquete e o vizinho Manuel

— ; Mas como soube a patifa,
Sé eu 'scondi ela primeiro?!
Comi um queijo, comi...
Soube-o talvez pelo cheiro.

Riu muito o bom vigário
E ensinou o preto a lêr.
Foi só então que entendeu
O que vem a ser 'screver.

Diz hoje muito orgulhoso
Ao seu vizinho Manuel:
— Toma cuidado, vizinho,
Que eu até sei lêr papel.

O vizinho olha-o com pasmo,
Julga-o um grande talento
E diz: — E' homem temível
Lê papel e pensamento.



UM RAPAZ EXEMPLAR

— Era uma vez, dizia a velha avôzinha, sentada á lareira, aos netos que em semi-círculo a escutavam com prazer e atenção, era uma vez um rapaz pobre e estudioso, que gastava os dias e as noites entregues aos livros e tinha sempre nas aulas as melhores notas. O pai orgulhava-se dêle e a mãe receava constantemente que a sua frágil saúde se ressentisse de tanto e tão aturado trabalho. Chegou o tempo dos exames e ninguém teve mais distinções do que êle. Os ricos invejavam-no. E êle, — coitado! — deitando-se á noite na sua pobre e miseravel cama, sentia-se verdadeiramente infeliz, pensando :

« — Todas as crianças brincam e se divertem : só eu não tenho o direito de o fazer ! »

— E porque é que êle não brincava como os outros? perguntou Manuel, o mais desinquieto dos netos da velha Brígida?

— Porque, apesar de ser muito novo, sentia, por isso que era muito inteligente, que a pobreza impõe

deveres. Via o seu pai muito doente, sempre vergado ao pêsso do trabalho, e sua mãe, alegre e risonha na



Brígida e os netos

aparência, mas chorando ás escondidas as aflições que passava para fazer milagres de economia e sustentar quatro pessoas com quinze mil réis por mês.

Então Vergílio, (assim se chamava o nosso herói) dizia consigo: «E' preciso que eu ganhe bastante para que meu pai possa descansar e ter, no fim da vida, algum conforto.» E, olhando para sua mãe com affecto, concluia: «Pobre mãe! Ela também deve estar farta de trabalhar! Nunca a vejo parada!» E, como via e percebia tudo embora nada lhe dissessem, não tinha ânimo de brincar.

— Era bem tolo! observou Luís. Êle podia estudar e brincar.

— Tu pensas assim, tornou a avó, porque, apesar de teu pai ser um pobre operário, tens sempre visto em casa a fartura, que dá saúde e alegria; mas a êle não lhe sucedia o mesmo.

— Não interrompas a avó, deixa-a contar.

— Vergílio estudando com tanto afincio, prosseguiu a velhinha, conseguiu terminar o seu curso no mais curto espaço de tempo possível, e com o maior brilho. Então decidiu ir pedir um emprêgo, visto não ter meios para se estabelecer por sua conta. Foi procurar um rico banqueiro e disse-lhe:

«— Venho pedir-lhe se me emprega no seu escritório.

«O ricaço mediu-o dos pés á cabeça e perguntou-lhe:

«— ¿Porque razão veio ter comigo?

«— Porque sei que a sua casa tem muito pessoal e é acreditada.

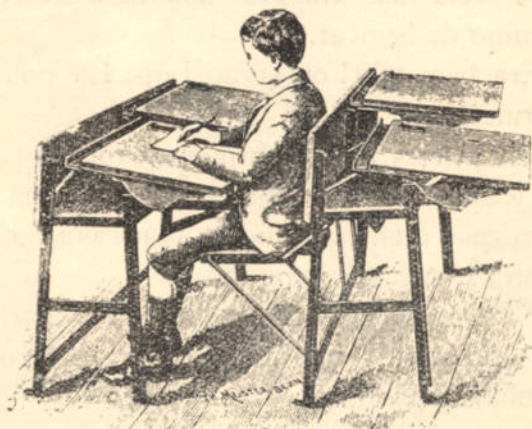
«O banqueiro sorriu e volveu-lhe:

« — ¿E que informações me dá a seu respeito?

« — Estas.

« E tirando do bôlso as certidões dos seus exames, estendeu-as ao banqueiro com simplicidade.

« Este pegou nelas, e, á medida que as passava pela vista, ia-se tornando sério. Por fim, voltando-se



Vergilio estudando com afinco...

para o rapaz, disse-lhe com consideração, que até ali lhe não tinha mostrado :

« — Queira sentar-se.

« Vergílio obedeceu.

« — Vou pedir-lhe que me satisfaça a curiosidade : ¿porque é que me veio procurar sem arranjar um empenho para mim?

« — E' natural, senhor. Eu não conheço ninguém que me tenha mostrado interesse e pensei que, sendo

V. Ex.^a inteligente e bom, não me recusaria auxílio, se lhe fôsse possível dar-mo.

• O banqueiro por única resposta disse-lhe :

• — Ficaré sendo meu secretário particular com o ordenado de 30.000 réis por mês, que receberá adiantados. Parece-me inútil lembrar-lhe que o meu secretário tem de andar bem vestido.

• — Sim, senhor. Não sei como agradecer a V. Ex.^a . . . Quando devo apresentar-me ?

• — Dentro de cinco dias.

• E abrindo a carteira, estendeu-lhe trinta mil réis em notas.

• — Devo passar recibo ?

• — Não . . . depois. Apresente-se sem falta no dia vinte.

• — A que horas ?

• — A's que quizer.

• Vergílio desceu a escada correndo e foi direito a um alfaiate. Tomou medida dum fato para doze mil réis, comprou um chapéu, botas, gravata e luvas, e, como fez tudo isto pensando nos seus pais, ainda lhe sobraram dez mil réis. Então dirigiu-se a casa e entregou uma nota de 5.000 réis a cada um dêles, dizendo :

• — E' o primeiro dinheiro que ganho, ou para melhor dizer, que vou ganhar. Aqui está.

• Foi um dia de festa em casa. Os pais não quizeram aceitar-lhe o dinheiro, mas, como quem quer fazer bem sempre encontra um meio, nessa noite o pai

de Vergílio olhava encantado para um par de sapatos novos e para um guarda-chuva; e a mãe, envolvendo-se num grande chale, consolava-se do frio, que tinha passado nos meses anteriores, e sentia imensa satisfação de dever esse confôrto aos cuidados do seu Vergílio.

•No dia apurado pelo banqueiro, o nosso herói, vestido de novo dos pés á cabeça, completamente transformado, appareceu no escritório do banqueiro ás dez da manhã.

•Teve de esperar. Ao meio dia entrou o grande ricoço. Lançou um rápido olhar ao seu secretário e, parecendo ficar satisfeito com a sua aparência, disse-lhe :

«— Senhor Vergílio, escreva uma carta para Londres para J. V. Moore & C.^a, perguntando-lhe a razão por que até hoje não effectuou as operações cambiais que eu lhe tinha ordenado.

•Vergílio cumpriu prontamente a ordem recebida e o banqueiro, no fim do dia, disse ao seu guardalivros, que, além de empregado mais antigo, era um sincero amigo :

•— Estou contente com o rapaz... Creio que chegará a ser alguêm.

•Decorreram três anos e Vergílio, tendo uma conduta que era exemplo para todos os seus companheiros, estava mais do que nunca nas boas graças do banqueiro. Um dia que êle recolhêra mais tarde a casa e se dispunha a ir ceiar com seus pais, soaram

duas leves pancadas na porta. A mãe foi abrir e voltou no mesmo instante, dizendo muito atrapalhada:

«— Ai! Vergílio! está ali o teu patrão, e que vergonha! a ceia na mesa! sem termos outro sítio onde o receber!

«— Ser pobre não é vergonha, mulher. O que é



O banqueiro

vergonha é deixar uma pessoa de consideração sôzinha á porta da rua.

«Entretanto Vergílio dirigira-se para a porta sem precipitação e dizia amavelmente e sem servilismo:

«—V. Ex.^a faz favôr de entrar. . .

«—Venho talvez incomoda-los. . .

«—De modo algum. . .

«—Mas, segundo vejo, iam começar a ceiar e não desejava interrompê-los. . .

«Depois duma troca de atenções de parte a parte, o banqueiro sentou-se e assistiu á umilde refeição da família sem querer expôr, antes de ela terminar, o motivo que ali o levava. Muito rico, habituado a uma mesa lauta, apiedou-se de vêr aquela pobre gente comer apenas o preciso para viver.

«Quando a ceia findou, disse-lhes:

«— Vinha fazer-lhes uma proposta, meus amigos, e creio que não ma recusarão. Tenho de ir fazer uma longa viagem e resolvi convidar Vergílio a substituir-me na gerência da casa. O meu guarda-livros tem de me acompanhar e é forçoso que eu seja substituído por pessoa de inteira confiança. As vantagens, que lhe offerço são: casa, água, luz, 150000 réis mensais e interesses na casa.

«A família de Vergílio não sabia palavras com que expressasse ao banqueiro a sua imensa gratidão. Ele tornou-se muito pálido e abraçou comovidamente em silêncio o seu bemfeitor. Tão bem se houve no cumprimento do seu espinhoso cargo que, quando o banqueiro voltou da sua longa viagem, só encontrou motivo para agradecer e louvar o seu empregado. Então pediu-lhe como um grande favôr que casasse com sua filha e continuasse administrando a sua casa. Não quis Vergílio aceder aos desejos do seu bemfeitor sem conhecer bem a filha dêle e, persuadido de que ela era tão boa quanto bonita, casou no dia 1.º de maio, dando o banqueiro uma grande festa íntima em

signal de satisfação e regozijo pela realização do seu sonho.

• Hoje, em volta da mesa de Vergílio sentam-se, além do pae, a mãe, a mulher e os seus três filhos. A comida é farta e bôa e, em memória das miserias passadas, quatro pobres veem todos os dias almoçar e jantar em sua casa. Os filhos de Vergilio trabalham desde muito pequeninos e recebem ordenados que seu pai lhes ensina a dividir, não esquecendo nunca de os fazer contribuir para as despesas da casa com alguns tostões.

• O banqueiro ri por vêr que o genro, sendo senhor de tantos contos de réis, aceita vintêns dos filhos para o govêrno da casa; mas êle diz e pensa com muita razão que é esta uma bôa maneira de lhes ensinar o valor do dinheiro.





O DEUS LONO ⁽¹⁾

Nas ilhas de Sanduich
Um dia desembarcou
O grande inglês James Cook,
Que o povo por deus tomou.

Os Canacas á porfia
Q'riam o seu deus servir.
Não se fartavam de o vêr
Comer, beber e dormir.

Se lhes mostrava um desejo,
Era logo executado.
Se o viam, logo por terra
Se punha o povo prostrado.

(1) James Cook, (pronuncia-se Cuque) grande viajante inglês que os Canacas da ilha de Sanduich, supozeram que fôsse *Lono*, um dos seus deuses mais populares, quando o viram pela primeira vez.

Obedeciam-lhe em tudo
Com muita facilidade;
Mas quem geralmente abusa
Vê escapar-lhe a flicidade.

Os marinheiros de Cook
Fôram ao bosque sagrado,
A que êles chamam *Tabu*,
Onde entrar era vedado.

Apanharam muita lenha,
Rindo da superstição
Dos Canacas que, espantados,
Refervem de indignação.

Assaltam furiosamente
Os marinheiros ingleses.
Matam-lhes o capitão,
Que adoraram tantas vezes!

Choram depois essa morte
Com grande arrependimento
E vão depôr os seus ossos
Num faustoso monumento.

Crendo ainda que é um deus,
Umildes, pedem perdão,
Imolando-lhe animais
Em sinal de adoração.

¿ Mas que importa tudo isso
Se James Cook morreu?
¿ Se a maldade dos seus homens
Tão cruel morte lhe deu?

Ha desta história tão triste
Um bom conceito a tirar :
Por grande que seja o affecto
Não pode tudo aturar.

E quem abusa tem certo
Que extingue forte afeição :
Exemplo disto o deus Lono
Morto, afinal, como um cão.



O porquinho da Índia

Quando eu era pequena, gostava imenso de ir ouvir missa á igreja da Lapa de preferência a outra qualquer. A razão era simples: divertia-me ali muito. Havia naquela freguezia uma mulher doida que nunca faltava á missa do meio dia. Levava na mão um antigo chapéu de chuva, todo esburacado, e ao colo, com extremos e carinhos maternais, um pequenino porco da Índia de pêlo branco com malhas amarelas e pretas, que ela benzia e tinha ensinado a erguer-se nas patas trazeiras e a pôr as mãozitas numa atitude devotamente engraçada. Quando tocava a Santos, ela ensinava o porquinho a bater no peito e murmurava-lhe as palavras, como as mães costumam fazer aos filhos que ensinam a resar. A doida e o seu porco eram o meu grande divertimento á missa, e mais de uma vez fui censurada por não tirar os olhos dêles um instante, em vez de os fitar no padre e estar com a atenção devida.

Um dia em que fui ao cemitério dos Prazeres,

passados anos, encontrei á porta a doida a chorar muito, emquanto em volta dela os pobres, que costumam ali pedir, riam e troçavam da infeliz.

Avizinhei-me e perguntei-lhe qual o motivo do seu desgosto.

— Morreu D. Luís, o meu filho, respondeu ela, mostrando-me um caixãozinho do tamanho dum pal-



A doida da Lapa

mo, que mandara fazer expressamente para o seu porquinho.

Tive dó dela. Não pude rir da mágua da infeliz criatura, que não tinha no mundo ninguém a quem se dedicar e que, durante tantos anos, fôra a desvelada mãe do seu porquinho, deixando talvez de comer algumas vezes para que nada faltasse ao seu imaginário filho.

Procurei consola-la.

Ela dissuadiu-me:

— Eu não choro por êle ter morrido, não senhora. Isso é a ordem natural das cousas. Choro porque êle era muito bom cristão, muito mais cumpridor dos



Porquinhos da India

seus deveres do que muitos homens! Ia todos os domingos e dias santificados á missa, jejuava ás sextas-feiras... emfim não desprezava nenhum dos preceitos da religião, e o senhor administrador do cemitério não me quer dar licença para o enterrar em sagrado! Diz que isto não é cemitério de cães.

— E diz muito bem, afirmou um velho cego...

— Não diz tal, tornou a doida abespinhada; êle não é cão. E' porco. Que, afinal, porcos somos todos nós, e animais também.

As gargalhadas aumentaram, e o guarda da porta mandou retirar a pobre mulher.

Uma rapariguinha, que acompanhava o cego, condeu-se da louca e, depois de trocar umas palavras com êle, chamou-a:

— Olhe, tiazinha, venha cá. Nós temos um quintalinho. ¿Quer lá ir enterrar o seu animal?

— ¿E vocês deixam-me pôr-lhe uma cruz e flôres, e ir lá rezar pela sua alma?

O velho desatou a rir e fez para a pequena, que lhe repetia a pergunta, um aceno afirmativo com a cabeça.

Dias depois havia uma romaria de curiosos a casa do cego para verem o túmulo de D. Luizinho. E êle ganhava com isso porque lhe deixavam esmola.

A pobre louca ainda vive. Encontro-a muita vez pelas ruas de Lisboa, mas não sei se ela se lembra ainda desta história nem o que é feito do túmulo do porquinho da Índia, que decerto descansa em paz.



A merenda de Manuela

Brinca no jardim da Escola
Manuela com seus irmãos.
Fazem uma grande roda,
Dando uns aos outros as mãos.

Depois cantam, saltam, brincam,
E por fim vão merendar.
A pouca distância estão
Três pobrezinhas a olhar.

Então Manuela, notando
A tristeza dos seus rostos,
Como estão magras e rotas,
Pensa que têm desgostos.

Pega na sua merenda
E reparte pelas três,
Dizendo: — Não me apetece.
Comam-na antes vocês.

Um dos irmãos imitou-a.
As pequenitas contentes
Comem os doces, a fruta,
Cravando com gosto os dentes.



Fazem uma grande roda

Manuela, cheia de fome,
Sente alegre o coração,
Porque deu tudo que tinha
Para a sua refeição.

O irmão que a imitou
Pergunta-lhe: — Dize lá:
¿O teu estômago não sente
Desgosto do que a mão dá?



Manuela brincando com o gato

— Se me não fizesse falta,
Não era grande o favôr.
E' sempre um gozo, que alenta,
Consolar alheia dôr.

— E' certo. Tem-se prazer,
Mas o estômago — coitado ! —
Fica a berrar que tem fome,
Como um filho malcriado.

— Olha p'ra a cara das três:
Repara bem, meu irmão.
Qualquer delas te dirá
Que foi bôa a tua acção.

«Logo ao jantar trincaremos
Quanto houver para comer.
Como teremos vontade
Tudo excelente ha de ser.»

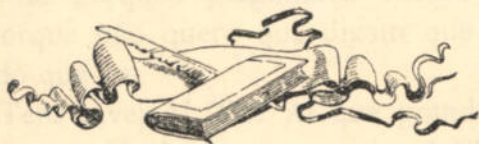
E abrindo a sua bolsinha
Deu á mais velha um tostão :
— Afí tens. Leva a tua mãe
Para comprar hoje o pão.

— Assim ficas sem os bolos,
Diz-lhe o irmão. Que tontice !
— Crê que o gastei bem melhor
Do que numa lambarice.

Quando a mãe lhe perguntou
Porque não tinha comido,
Foi com ternura abraçada
Por ter tão bem procedido.

E seu irmão, ao comer,
Pensava ter feito bem,
Desejando que á merenda
Não tornasse a ver ninguém

Que lhe causasse piedade;
Porque não é agradável
Jejuar sem ter vontade,
Embora seja louvavel.



Porque Daniel não imita Ésquilo

Zézito olhava pasmado para seu primo Daniel que, batendo o pé no chão, dizia rubro de cólera a sua irmã Teresa :

— Não, três vezes não. Se êle cá vier recitar, eu não represento.

— ; Mas porquê? perguntava Teresa pasmada.

— Porque não quero que digam que êle recita melhor do que eu.

— ; Tens inveja?! Tu? Ai que grande desgosto teria a nossa mãezinha se te ouvisse! Ela, que diz que os invejosos, além de maus, são estúpidos.

— ; Estúpidos?

— Sim. As pessoas inteligentes e boas não têm inveja de ninguém.

Com muita ironia Daniel replicou.

— Acham-se por tal fórma superiores que entendem que ninguém lhes faz sombra.

— Podia ser isso, mas geralmente não é. Contentam-se com o merecimento que têm e, sendo a in-

veja uma qualidade má, não a podem nem querem sentir.

— ¿Pertences a esse número?

— Decerto, respondeu Teresa. Se o Vasco vier e representar ou recitar melhor do que eu, é justo que



Daniel, Teresa e Josézito

o aplaudam e serei eu a primeira a juntar as minhas palmas e louvores aos dos outros.

Josézito observou:

— E' assim que deve ser.

— Ah! ¿Tambem você, seu pequerrucho, também você é de opinião que eu sou invejoso?

— Pelo menos, se o não és, pareces.

— Pois deixá-lo. Se êle recitar, eu nem decorarei os meus versos, nem entrarei na récita.

— Vaes dar, com essa teimosia por tão vil motivo,

um grande desgosto á mãe. Daniel ficou um momento pensativo e depois, num tom malcriado e com um feio arremesso, concluiu :

— Deixá-lo. ; Para que convidou a mãe aquele alfenim? ; Não se passava cá bem sem êle? Assim o quiz, assim o tenha.

E sentando-se junto da mesa, ocultou a cabeça entre os braços.

Teresa, sem lhe responder, continuou a bordar a linda almofada que destinava para os anos do pai, e disse a Josêzito :

— Como o Daniel está amuado, vou contar-te uma história para te não aborreceres, ; queres?

— Conta, conta, concordou alegremente o priminho, sentando-se no chão em frente dela.

Teresa, fingindo dar toda a sua atenção ao bordado, começou assim.

— Já has de ter ouvido teu pai falar mais duma vez em Sófocles, ; pois não é verdade?

— Tenho. Era um sábio de Atenas.

— E' isso mesmo. Era rival de Ésquilo, e distinguuiu-se extraordinariamente, tanto nos emprêgos civis como nos militares. Mas o que o immortalizou foi a tragédia . . .

— O que é immortalizar?

— Quero eu dizer que foi a tragédia que o tornou conhecido na época em que viveu e trouxe o seu nome com grande fama até ao nosso tempo, ; percebes?

— Percebo. E depois?

— Depois, como todas as pessoas notáveis, teve também desgostos, sendo um deles ter um filho tão ingrato e mau, que quiz, para se apossar dos seus bens, dizer que êle estava doido. Então Sófocles, para refutar tal acusação, leu diante do povo a sua tragédia *Edipo em Colonia*, que tinha concluído havia pouco. Os juizes indignaram-se da acusação que lhe tinha sido feita e reconduziram-no a casa em triunfo. Eurípedes, que era também seu rival, disputou-lhe constantemente a glória, mas morreu primeiro do que êle. Sófocles, que era um homem superior e não conhecia a inveja a que são sujeitos os espíritos mesquinhos, appareceu na Assembleia Pública em trajo de luto. Na sua mocidade concorreu com Êsquilo ao prémio da tragédia. Formaram-se dois partidos entre os juizes e o povo sem chegarem a um acôrdo, até que resolveram que o célebre Simão e dez generais, que tinham ganho uma grande vitória, decidissem qual dos dois devia ter o prémio. Foi dado a Sófocles. Como vês, meu Josézito, os homens de alto valor são inacessíveis á inveja.

Daniel, quando a irmã começou a contar a história, soergueu a cabeça e espreitou. Como visse que ninguêem reparava nêle, ergueu-a e escutou com interesse.

Quando Teresa terminou, Josézito pediu:

— Conta-me outra.

— Já vai. Deixa-me rematar o bordado

Daniel fez-se muito corado, depois empalideceu e, dirigindo-se á irmã, perguntou-lhe:

— O' Teresa, ¿isso é verdade? ¿Tens a certeza de que Sófocles procedeu assim?

Sorrindo, a irmã respondeu-lhe:

— Eu não vi... mas a história é que o conta e não costuma mentir...

— Pois bem. Eu recitarei, mesmo que o Vasco venha, e contentar-me-hei com o merecimento que tiver: não serei mais invejoso.

— Estimo vêr-te nessa resolução porque me causava grande pena o contrário.

— Vou estudar os meus versos.

E saiu pela porta do fundo.

Teresa, quando o viu desaparecer, disse a Josézito:

— O que eu não contei ao Daniel é que Ésquilo teve tal desgosto de vêr Sófocles preferido, que se exilou na Sicília.

— Não lho contes, aconselhou piedosamente Josézito. Seria capaz de querer imitar o grego, no caso de o Vasco ganhar a corôa de rosas que a tia Maria ontem fez.

Teresa desatou a rir.

— Sómente êle não poderia ir para a Sicília.

— Deixá-lo. Podia ir para a cozinha e não querer voltar á sala.

E isto foi dito com tanta gravidade que Teresa acabou por chorar, á fôrça de rir.

Era o dia dos anos do pai de Teresa e Daniel. Um lauto jantar reuniu a família e os amigos mais íntimos em casa d'ele e á noite, no palco improvisado



Um lauto jantar reuniu a família

na sala vermelha, os pequenos representaram *Os cuidados da Mimi* e *A doença da boneca*, além de recitarem versos dos autores mais em voga.

Vasco excedeu todos pela correcção e intelligência com que desempenhou o seu papel. Foi muito aplaudido e coroado de rosas pelo Josézito que estava lindo, mascarado de anjo. O primeiro que veio cum-

primizar Vasco pelo seu triunfo e oferecer-lhe flores foi Daniel.

A irmã olhou-o interrogativamente.

— ¿ Que é? disse êle.

— ¿ Custou-te muito? perguntou Teresa com certa mágua mal encoberta.

— Não, respondeu êle com sinceridade. A tua história foi contada a tempo. Sinto-me muito maior aceitando assim o caso. Tens muita razão: quem quizer ser alguêm deve ser superior á inveja.

E num tom em que se traía uma certa vaidade, perguntou a mêdo:

— Parece-te que Sófocles, num caso idéntico, procederia assim?

Teresa disfarçou um sorriso e assegurou-lhe:

— Não admite a menor dúvida.

Então Josézito, aproximando se do primo, segredou-lhe ao ouvido:

— Vai para a cozinha.

— ¿ Para quê? perguntou Daniel franzindo o sobrolho.

— Para imitar Êsquilo, que se exilou na Sicília, quando o outro teve o prémio.

— ¿ Quem to disse?

— A Teresa, mas recomendou que não to contasse.

— Pois não tinha mal nenhum sabê-lo. Se Êsquilo estivesse aqui, não iria para a cozinha como foi para a Sicília.

— Porquê?

— Porque logo ha dôces, bolos e champanhe.



Vasco recitando

— ; E êle não teria tido isso em Atenas? —

— Decerto, porque, se tivessê, não era tão tolo que partisse para a Sicília.

E afastaram-se, conversando ácerca das boas gulodices que lhes reservava a ceia.

De então para cá, Daniel nunca mais foi invejoso e não faz nada sem pensar primeiro o que faria Sófocles em caso idéntico.



The following is a list of the names of the persons who have been admitted to the office of the Secretary of the Board of Education since the last meeting of the Board.



This list is published for the information of the public and to show the progress of the Board in the discharge of its duties.

PRÊMIO PELA DISTINÇÃO

— Um cavalo de balouço
Por prémio do teu exame.
Mil beijos, abraços, bolos
E... adivinha... — ¿Salame?

Gritou Armando. — ¿ Que mais ?
— Queijadas e avelãs...
— E pêras, cerejas, ginjas,
Um ananaz e maçãs!

— ¿ Tudo para mim, madrinha ?
— Tudo p'ra ti, meu amôr.
— Mas aquilo... ¿ que é aquilo ?
— Já me esquecia : um tambor.

Então Armando, radiante
Desembrulhou o presente
E, pegando nas vaquetas,
Endoideceu toda a gente.



Armando tocando tambor

— O' menino, não se pode
Essa inferneira aturar.
Basta de rufos e marchas,
Vá-me o tambor arrumar.

Armando guarda o tambor,
Mas vai montar a cavalo
E tais impulsos lhe dá
Que está prestes a voltá-lo.

— Jesus! Que estouvamento!
Clama a bôa da madrinha.
Que má ideia que eu tive!
— Bem se vê que não foi minha,

Diz a tia arreliada,
Em tom de amarga censura.
«Gastou um dinheirão louco.
«Vai vêr quanto isto lhe dura.»

Armando, de olhar em fogo,
Com tal força se balança,
Que o bravissimo animal
O dono por terra lança.

Acode a madrinha e a tia,
Gritando ambas de aflição,
E cavalo e cavaleiro
São levantados do chão.

Com denodo o cavaleiro
Monta de novo o cavalo,
Declarando: — Está folgado.
O que é preciso é 'stafá-lo.

Emquanto as duas senhoras
Dizem mal da sua sorte,
Armando ordena ao cavalo :
— Corre, que eu não temo a morte.

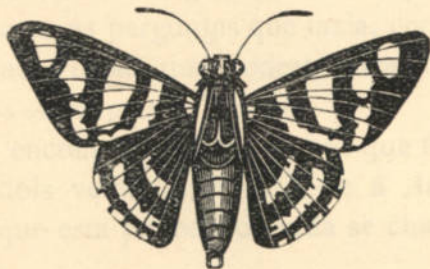


A madrinha de Armando

Dá outra queda maior.
A tia quer castigá-lo,
Mas a madrinha intercede :
— Tem na testa um grande galo,

«Que por muitos longos dias
«Lhe vai, constante, lembrar :
«Fôste além do que devias
«Por isso te hei de cantar.»

Foi-se arrumar o cavalo.
Foi-se guardar o tambor.
No colo da velha tia
Ressona o cavalgador.



As perguntas de Mário

Mário era um garoto gentil e tagarela de meia duzia de anos, mas inteligente, curioso e perguntador. A's vezes, com as perguntas que fazia, conseguia pôr em dificuldades o pai, um modesto e trabalhador empregado dos *Armazens do Chiado*.

Vamos encontrá-lo num passeio que foi dar com seu pai e dois velhos amigos dèste á *Amadora*, no tempo em que esta povoação ainda se chamava *Porcalhota*.

Sentados numa carruagem de 2.^a classe, conversavam todos entre si, excepto Mário que, de pé, deitava a cabeça pela portinhola, dizendo:

— Que fresquinho! Que bom fresquinho! O' meu pai, ¿ porque é que no comboio e nos eléctricos ha sempre tanto fresquinho?

Rui de Matos franziu o sobrolho e respondeu com modo brusco:

— Pela rapidez com que o ar se desloca. Não faças perguntas: deixa-me conversar.

A razão desta recomendação era o vivo receio de que o filho diante dos amigos o puzesse na colisão de não saber que responder.

Mário calou-se um momento e instantes depois voltou.



Mário

— Sempre o sol é muito quente! O' paizinho, ¿o que é que produz tanto calor no sol? ¿é alguma grande máquina?

— A causa do desenvolvimento do calor solar ainda não é conhecida, respondeu um dos amigos de Rui, vendo que êle ficava calado.

Então o pequeno, vendo que esta informação lhe

era dada com um aspecto risonho e amavel, voltou:

— ¿E porque é que êle não dá sempre igual calor?

— Porque o seu calor incide na terra conforme a altura do astro no horizonte e a pureza da atmosfera. Has de estudar isso quando fôres maior.

— Ah! ¿isso estuda-se?

— Tudo se estuda, meu amiguinho.

— ¿Na gramática? perguntou Mário com gravidade verdadeiramente cómica.

— Na *física*, respondeu o pai, desatando a rir com os amigos do disparate da pergunta.

— E quantas mais cousas interessantes terás para aprender em tal matéria! continuou o amigo que gostava de falar com êle, enquanto o outro bocejava com aborrecimento.

Chegaram ao seu destino e, apeando-se, Mário perguntou:

— O' pai, ¿o que é que faz andar o comboio?

— O carvão de pedra.

E, abrindo-lhe muito os olhos, ajuntou:

— Já te preveni de que não quero que me faças perguntas. . .

— Coitadinho! disse o senhor Pedro Linhares, o amigo que com êle simpatizava. O pobre pequeno é curioso e a curiosidade que deseja instruir-se não é prejudicial, antes pelo contrário. Tu o que desejas saber é que espécie de monstro é aquele que, não sendo

gente nem animal, anda e corre mais do que um cavalo á desfilada, e não é assim?

— E', respondeu Mário, fazendo beicinho e olhando de soslaio para o pai.



O comboio para a Amadora

— Pois eu te digo: êle tem dentro uma caldeira do feitto dum grande canudo, onde se deita água. Por baixo dela fica uma grelha, onde se deita carvão a que se lança fogo. A chama aquece o fundo e os lados da caldeira e faz ferver a água que está lá dentro. Quando

ela ferve — já deves ter visto isso na cozinha, quando a tua mãe faz o chá — produz vapor. Pois é este vapor da água, que, levado para outras partes da máquina, põe em movimento as rodas: assim, vês bem que sem a combustão do carvão, que produz o calor necessário para a água se transformar em vapor, o monstro não se moveria.

Pedro Linhares ia continuar ainda a explicação, quando o pai de Mário lhe disse bruscamente:

— Que aborrecido estás com as tuas explicações! Falemos de outra cousa.

— Falemos, concordou o amigo.

Tinham dado meia dúzia de passos, quando Mário, puxando devagar a aba do casaco de Pedro Linhares, lhe perguntou:

— O que é combustão?

— Geralmente entende-se por combustão a acção de arder; mas em química tem uma significação especial, pois designa ordinariamente a combinação dum corpo com um dos gases que entra na composição do ar — o oxigénio. Isto, porém, é superior ao teu entendimento. . .

— Mas tu acabas, ou não acabas, com a séca das explicações? perguntou irritado o pai de Mário.

— Já estou silencioso como um penedo, tornou, sorrindo, o seu amigo.

Jantaram numa venda, e depois foram passear pelo campo.

Mário, vendo uma silva carregada de amoras, sol-

tou um grito de alegria e precipitou-se para as colher. De súbito, quando ia a puxar um ramo para si, soltou um grito de dôr.

— E' um espinho, disse êle, chorando e mostrando ao pai o dedo todo ensanguentado.

— Não é um espinho, é um acúleo, disse Pedro Linhares. Repara na sua forma recurvada e na largura da base junto da haste.

As lágrimas secaram nas faces de Mário sem que êle as limpasse, e perguntou com viva curiosidade:

— ¿ Então o que são espinhos?

— São os picos agudos, fortes, curtos e direitos, aos quais se pode chamar um prolongamento da parte mais resistente duma planta — o lenho. Os acúleos separam-se do tronco com uma facilidade extrema, até com a ponta duma unha; os espinhos não.

E, abrindo um canivete que tirou do bolso, cortou um ramo de que pendia uma porção de amoras e estendeu-o ao pequerrucho.

Os olhos de Mário brilharam de cubiça e, agradecendo o presente, perguntou:

— A silva tem sempre amoras?

— Sempre não. Geralmente, de junho a agosto e, quando muito, até meados de setembro. Toma cuidado: olha que enches a gravata de nódoas.

Contente por poder dizer alguma cousa no assunto, o pai de Mário ajuntou:

— Isso é o menos. As amoras verdes tiram as nódoas das maduras.

— Ai que lindo! que lindo! ; São brilhantes?

E Mário, deitando a correr, foi apanhar uns pequenos pontos luminosos que faziam maravilhoso efeito sobre a côr pardacenta da estrada.

Voltando junto do amigo de seu pai, perguntou:

— ; O que é isto?

E estendia-lhe umas pequenas laminas de superficie lisa que rebrilhavam ao sol como diamantes.

— Isto é *mica*, uma rocha em cuja composição entra, além de outras substâncias, uma que tens já visto muitas vezes, que também serve para fazer sabão: a potassa.

— E que também se deita na água com que se esfrega a casa.

— Exactamente. Vês? E' tão macia que até se pode riscar com a unha. Has de conhecê-la melhor quando estudares mineralogia.

— Eu oiço que hei de aprender tanta cousa que tenho mêdo que a vida para isso me não chegue.

Todos riram. Quando regressavam do passeio, ao chegar ao túnel do Rocio, acenderam as luzes, e Mário, esquecido das recomendações do pai, perguntou ainda uma vez:

— ; Porque é que as luzes no comboio são de azeite e não de gaz?

Muito nervoso, o pai respondeu-lhe:

— Porque cada um alumia-se como lhe agrada, e tu nada tens com isso.

Mário abaixou a cabeça e desta vez o amigo de

seu pai, que, cansado do passeio, tinha adormecido, não veio em seu auxílio.



... Eu fui preguiçoso...

Quando entraram em casa, a mãe de Mário perguntou-lhes:

— Então gostaram do passeio?

— Não, minha amiga, respondeu o pai com aze-
dume. Foi uma tarde verdadeiramente arreliada.

— ¿ Porquê? perguntou a mãe com admiração.

— Por causa das perguntas do Mário.

E atirando o chapéu para cima duma cadeira,
chamou o filho, e, com voz triste, disse-lhe:

— E' muito bom que perguntes e desejes saber
tudo, meu filho. Eu não fui assim. Não quiz estudar,
fui preguiçoso. Tenho por isso vergonha quando, de-
frente de pessoas estranhas, me fazes perguntas ás
quais não sei responder. Sinto-me vexado. Digo-te isto
com toda a franqueza para que estudes e não tenhas
nunca de sentir a umilhação que eu senti hoje toda a
tarde, vendo o Pedro Linhares dizer-te aquilo que eu
desejava e não sabia explicar-te.

E, pondo o filho no chão, beijou-o na testa, e re-
colheu-se ao quarto.

Então a mãe, em voz baixa, acrescentou:

— Pensa bem em tudo que te disse teu pai, Má-
rio. O maior sacrifício que um pai pode fazer ao bem-
dos seus filhos acaba êle de o consumir, mostrando
aos teus olhos que errou e quanto esse erro lhe peza
e se condena por êle. Que a triste experiência de teu
pai te sirva de lição.

— Isso serve. Nunca mais lhe pergunto nada e
hei de estudar muito para o ensinar a êle, quando es-
tivermos sós.

A mãe abraçou-o e pagou-lhe com um beijo as
boas intenções.

METAMORFOSE

— Dize-me lá, Joaninha,

¿ Que será metamorfose?

— Quando supões que eu não sei,
Não ha ninguêm que mais goze!

— ¿ Não sabes? ; Uma doutora
Que toda a gente elogia!

— Eu notei como és ruim,
Não disse que não sabia.

— Então, diga com clareza:

¿ O que é esse palavrão?

— Quer dizer, em língua grega,
Mudança, transformação.

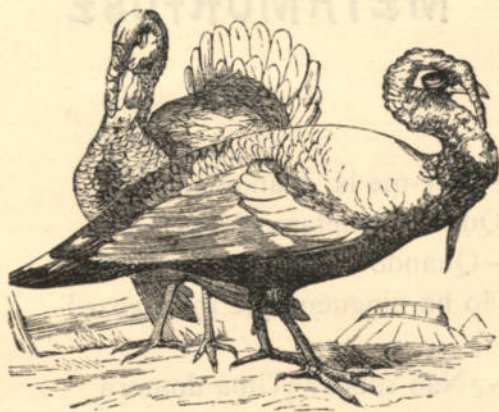
«¿ Mas para que mo perguntas?

— Porque vi na zoologia

Que a lagarta em borboleta

Se metamorfosearia.

— ; Que tamanho de palavra !
— No livro não vinha assim,
Mas na gramática, mana,
Não me dás quinaus a mim.



Pareces o meu peru...

— Nem pretendo, que não sou
Tão vaidosa como tu.
— Não? Pois olha que o pareces
Muito mais que o meu peru,

« Quando, armando as penas brancas,
« Meneia altivo a cabeça,
« Bem certo de que não ha
« Atensões que não mereça.

« ; E' mesmo a tua figura
« No porte e na distinção ! »
— Se continuas troçando,
Não te ensino hoje a lição.



O pequeno, reflectindo...

— ; Qu'importa ? Isso não me affige.
Se a não souber amanhã,
Digo que a culpa foi tua
E tens de ouvir a mamã.

Mas nisto uma voz severa
Interrompe o falador,
Que põe os olhos no chão
Pressentindo um dissabor.

— Engana-se, seu brejeiro,
Porque a mamã sabe tudo.
; Ha pouco falava tanto
E agora tornou-se mudo ?

— Êle brincava, mamã,
Não tinha má intenção,
Afirmou Joana a mêdo,
Desculpando o seu irmão.

A mãe beijou-a sorrindo
E disse ao filho com pena :
— Desejava vêr em ti
Esta bondade serena,

• Que, perdoando os agravos,
• Inda acode ao delinquente,
• E não esse máu character
• Que é vulgar em muita gente. •

O pequeno, reflectindo
No que disse sua mãe,
Envergonhado jurou
Nunca ofender mais ninguêm.



A rosa de Alda

Alda era uma criança muito bonita e inteligente, mas muito senhora da sua vontade. Os pais, que não tinham outra filha, eram extremosíssimos por ela e, como nem sempre o affecto é bom conselheiro, não a contrariavam em cousa alguma. Quando saíam com ela, Alda fazia-os parar em todos os mostradores das lojas e apetezia quanto via. Os pais, que eram ricos, satisfazião-lhe os desejos e ela voltava para casa cheia de compras que, passadas as primeiras horas de novidade, se lhe tornavam indiferentes.

Um dia sua prima Inês veio busca-la para irem visitar uma linda quinta, situada nos arrabaldes de Lisbôa, e que pertencia ao visconde X. Partiram muito alegres, acompanhadas das suas mestras e seguidas por um velho criado que, num cêsto, levava quanto era necessário para uma agradável refeição.

A quinta era formosíssima, e, como se estava em abril, rosas lindas e raras desabrochavam por toda a

parte, espalhando pelo ar um aroma forte e penetrante que se aspirava com prazer.



A menina Alda

Alda, desde que entrára o portão da quinta, deixára de falar.

—¿ Que tens tu? perguntou-lhe a prima, admirada de vêr tão silenciosa uma pessoa que não sabia estar calada.

— Estou aborrecida e arrependida de ter vindo.
— ; Arrependida porquê? ; Não achas esta quinta formosíssima?

— Sem dúvida. Mas lê o letreiro que ali está.

Inês leu: «E' proibido cortar flores».

— E com razão, comentou ela após a leitura. Se deixassem que todos os visitantes o fizessem, dentro em pouco não teriam uma rosa.

— Pois, minha amiga, respondeu Alda, desde o momento em que não posso mexer nas flôres nem nos frutos, nem fazer quanto me agrada, não me diverte estar aqui. Vou-me embora.

— ; Vais-te embora? perguntou Inês desapontada.
; Então o lanche? As brincadeiras que nos propúnhamos fazer?

— Quero lá saber de brincadeiras! Agora, o meu único desejo é apanhar rosas.

— Não penses nisso. Poderias sofrer algum dis-sabor.

— Qual? perguntou Alda, franzindo orgulhosamente o sobrolho.

— Ser repreendida pelo guarda e até, — quem sabe? — posta fóra por não fazeres caso do aviso que diz respeito aos visitantes.

— ; Tinha que vêr, se o figurão do guarda se atre-via a censurar-me!

— Mas com toda a certeza. Êle não anda aqui para outra cousa.

— Não andarás, mas o que te afianço é que não

me importa com êle para nada e que hei de apanhar todas as flôres que quizer e fazer quanto me agradar.

— Não te vais então embora? perguntou Inês, entre esperançada e receosa.

— Não. Fico, só para te mostrar que a mim ninguém me proíbe cousa alguma.

— Não vás fazer disparates.

— Por ora, não. Vou primeiro andar no balouço. E desatando a correr, deu um pulo ágil para cima da tábua e, dando ao corpo o natural impulso, começou a balouçar-se muito alto.

— Tu caís, observava-lhe a prima.

— Se cair o remédio é fácil: levanto-me.

E seguia sempre mais alto.

— Alda! Alda! gritou a *Miss*. Desça já d'aí. Não sabe que sua mãe não quer que ande no balouço?

— Sei, mas como ela não está aqui. . .

— Isso não é razão. Em primeiro lugar, uma menina bonita, falando de sua mãe, nunca diz *ela*: é falta de respeito. Em segundo, quando uma pessoa de consideração e saber nos proíbe uma cousa qualquer, é porque a não devemos fazer.

— Talvez tenha razão, *Miss*, mas olhe que eu também tenho alguma: tudo que é *dever* é muito aborrecido.

— E' melhor calar-se, disse a inglesa irritada.

Alda encolheu os ombros, num gesto de rapariga malcriada, e deitou a correr pela quinta fóra.

Inês seguiu-a.

Então a pobre *Miss Katty* voltou-se para a velha alemã, preceptora de Inês, exclamando :

— Não ha meio de educar esta criança! Já me



— Eu admiro a sua paciência, *Miss*...

despedi duas vezes por ter escrúpulo de receber um dinheiro tão mal ganho. Mas os pais não querem que eu a deixe. Ela própria, que tem bom coração, agarra-se a mim a chorar, prometendo emendar-se. Mas; meia hora depois, esqueceu todas as suas promessas e não ha diabrura que não pratique.

— Eu admiro a sua paciência *Miss*, respondia-lhe em português, mas com horrível e forte acento germânico a sua interlocutora. Eu não aturava Alda, nem por todo o ouro que ha nas minas da América.

O criado, que seguia uns passos atrás, levando o cêsto, julgou dever intervir em defeza da sua jovem ama :

— Eu lhe digo, *fraulein*, a menina Alda tem mimo demais, é o que é. Mas olhe que o coração é bom como nenhum. No outro dia, quando a senhora baronesa despediu a engomadeira, foi o dia de juizo naquela casa. Chorou e affligiu-se de tal forma que foi forçoso a senhora manda-la chamar e toma-la de novo ao serviço. E a graça era vêr então como a nossa menina, fazendo-lhe festas para que ela se não escandalizasse, lhe dizia com muita meiguice :

— ; Tu não tornas a perder a roupa da mamã, não? Olha que eu respondi por ti ; é preciso não me deixares ficar mal. Foi um riso.

— Sim, ela bôa é, concordou a *Miss*, já mais abrandada pela recordação da scena que o criado acabava de evocar ; mas tem muito mau génio, só faz o que quer e, numa palavra, é a vergonha dos mestres. Não mostra educação nem respeito por ninguêm ; não estuda senão quando isso por acaso lhe agrada . . . E' um verdadeiro suplicio para mim, tanto mais que lhe quero muito. ; O João lembra-se de como ela procedeu quando eu estive doente ?

— ; Então não lembro ! Aquilo é que era um cui-

dado! E mais, elhe a senhora que vieram as tias busca-la para a levarem ao teatro, quizeram que ela fôsse passear e não houve tira-la de casa. «Tenho a minha *Miss* doente: não posso». E por mais que os pais instassem, não arredou pé.

A *Miss*, muito satisfeita por vêr que havia alguém no mundo que se interessava por ela, pobre criatura sem ninguêm, tornou-se risonha e disse á professora de Inês:

— Pois é por isso que eu lhe suporto as extravagâncias. Ela não é de ternuras, mas, quando se afeiçôa, é a valer... Depois a *fraulein* bem sabe, quando se está completamente isolado e em terra estranha, uma amizade sincera tem grande valor.

— Isso tem. Eu *ter* o meu gato que é muito dedicado.

— Ora esta! resmungou o criado por entre dentes com certa indignação. ; Não está ela a comparar a gata á minha menina?!

Durante êste tempo Alda e Inês corriam alegremente pela quinta, admirando os peixes do lago, e acabando por virem pedir o lanche, porque já estavam, segundo a sua própria opinião, a morrer de fome. Terminada a refeição, Alda disse a Inês:

— Agora vou ás rosas.

— Deixa-te disso.

— Não deixo. Hei-de levar flôres daqui.

— Mas se isso é proibido...

— Mais uma razão para eu não ir sem elas.

E, entrando pelos canteiros cobertos de relva verde e macia, apanhou rosas lindas. Meteu-as na copa do chapéu, nas algibeiras, no saco da bola, em tudo.



Alda escutava com atenção...

Inês olhava-a com reprovação e afirmava-lhe em voz baixa:

— Mas isso é um roubo, Alda! Desde o momento em que escondes...

— E's parva! Nunca roubei nada a ninguém.

— Com verdade não podes dizer isso, visto que apanhaste estas flôres.

— Que escrupulosa!

E Alda desatou a rir com vontade.

Eram perto de cinco horas da tarde, quando *Miss Katty* lembrou que era tempo de voltarem para casa.

Encaminharam-se todos para a porta da quinta, e, quando Alda ia a passar em frente do porteiro, êste fê-la parar e despejou-lhe no chão as rosas, primeiro, as do saco da bola, depois as do chapéu e dos bolsos, dizendo-lhe em tom brando, mas firme:

— Daqui não sai nada sem licença do feitor. E os que se atrevem a mexer e a apanhar o que lhes não pertence, têm de o deixar ficar e não lhes torna a ser permitida a entrada na quinta.

Inês juntava as mãos aflita. O criado punha e tirava o chapéu sem saber que fazer nem que dizer. A professora de Inês falava-lhe baixo e *Miss Katty* exclamava consternada:

— ; Alda! ó Alda!

Esta, com os olhos no chão e as faces muito coradas, agitava no ar o saco da bola tentando sorrir enquanto duas grossas lágrimas lhe corriam pelo rosto. Por fim, num gesto impulsivo, meteu a mão á algibeira e, tirando a sua bolsinha de prata, atirou-a com orgulho ao guarda, dizendo:

— Aí tem. O que aí está chega demais para pagar isto.

O guarda sorriu e, entregando a bolsa ao velho criado, disse para Alda :

— Não chega, minha menina, porque o que não está para vender não tem preço. Vá-se embora e não torne mais.

Alda, muito umilhada, seguiu para casa, de cabeça baixa, sem responder nada a Inês que lhe dizia :

— Eu bem te avisei... Não quizeste fazer caso... Passaste um grande vexame.

Chegando a casa, Alda recolheu-se ao quarto e meteu-se na cama.

A mestra chamou a mãe de parte e contou-lhe quanto se tinha passado.

Então a baronesa dirigiu-se ao quarto da filha e procurou consola-la no seu desgosto. Alda escutava com atenção, mas não dizia cousa alguma.

— Dorme um pouco, pediu a mãe, fechando-lhe as janelas.

E, beijando-a, saiu do quarto em bicos de pés.

Era tarde quando Alda acordou.

Abrindo os olhos, encontrou o quarto cheio de lindas rosas que a mãe mandára comprar a toda a pressa para a consolar do seu desgosto. Alda sorriu tristemente, levantou-se, vestiu-se, e sentando-se á sua mesa de estudo, escreveu :

«Minha querida Inês,

«Doente, pela vergonha que sofri, deitei-me, porque estava com muitas dôres de cabeça. Agora acordo

e encontro o meu quarto cheio de lindas flôres que a minha bôa mãe mandou comprar para satisfazer o desejo que ela julgou que eu tinha. Enganou-se. Estas



... lindas flôres que a mãe mandou comprar...

lembram-me as outras em que eu não devia ter tocado. Grata ao bom conselho que me deste e que por teimosia não segui, aí tas mando. E's melhor e mais digna delas do que eu.

Tua prima m.^{to} obrigada

Alda.»

Chamou o seu velho criado e, entregando-lhe a carta e as flôres, mandou-o levar tudo á prima.

Depois sentou-se á mesa e desatou a chorar. Levantou-se, sentou-se, deu passos pela casa e finalmente, abrindo a porta que dava para o corredor, foi bater de mansinho na do quarto de *Miss Katty*.

Esta, de óculos na testa e tendo na mão uma revista inglêsa, veio abrir.

Então Alda lançou-se-lhe nos braços, exclamando em impetuoso chôro :

— Perdão, *Miss*, perdão da vergonha que lhe causei. Mas eu prometo . . . não torno mais.

E as sílabas eram entrecortadas por soluços.

A bôa inglêsa pôs a revista sobre a mesa e, beijando enternecida a sua discípula, disse :

— ;Ai! minha pobre Alda. Para alguma coisa serve a desgraça. Estou que esta lição será mais proveitosa para si do que muitas das que lhe tenho dado. Não falemos mais nisso.

E não falaram. Mas com grande espanto dos pais, desde esse dia Alda deixou de ser a criança malcriada e irreflectida que todos censuravam.

Fez ela própria um horário com a distribuição do seu tempo e tornou-se estudiosa e aplicada. A' cabeceira da sua cama, numa linda jarra de louça das Caldas, está uma formosissima rosa artificial e, pendente dela, um letreiro de cartão picado onde se lê em grandes letras, bordadas a retrós, a palavra *remember*, que, em portugûês, quer dizer lembrança. Quando

ela sente em si uns fumos de revolta ou vontade de ser malcriada, olha para a rosa e para o seu letreiro, que com tanto cuidado bordara, e cria fôrças para continuar a ser aquilo em que se transformou: uma menina modêlo.



ELVIRA

Elvira tinha o costume
De imitar tudo que via.
A mãe ralhava por isso.
O pai calava e sorria.

Vendo as criadas em casa
Varrer, lavar, cozinhar,
Pretendia a toda a hora
Os seus gestos copiar.

Acendeu um fogareiro ;
Fez á boneca o jantar.
A criada ia avisando :
— Olhe não se vá queimar.

«E' sério brincar co'o fogo
«Porque quem mexe no lume
Tem de ter muito cuidado.»
— Pois deixa que me acostume.

«Se eu nunca o lume acender,
«Se não souber cozinhar,
«¿ Como hão de as minhãs bonecas
«Ter á tarde que jantar?»



Elvira

Depois, contente co'a obra,
Que não safu muito má,
Foi varrer a casa toda
E pôs o lixo na pá.

Como a criada de fóra
Começasse a engomar,
Pegou num ferro pequeno,
Foi a roupinha passar.

E arrumava num cêsto
O fatinho da boneca,
Resmungando entre os dentinhos:
— Os filhos dão cada seca!

Ouvindo-a, a criada ria.
Mas ela sem reparar
Ia sempre tabalhando,
Embora fôsse a brincar.

E cantava com tal graça
Todas as canções que ouvia,
Que a mãe, embora enfadada,
Da filha se envaidecia.

Tinha já o cêsto cheio
De fronhas, lenços, lençóis,
E cantava alegremente
Agitando os caracóis

Da sua cabeça loura,
Quando, em movimento breve,
Pelo qual nem ela deu,
Se queimou na mão de neve.

Soltando um grito estridente,
Lançou-se chorando ao chão,
Repetindo entre soluços:
— ¡Ai! minha mão! minha mão!

Correu a família toda
A socorrer a queimada.
A mãe, ao vêr-lhe a mão, diz :
— Devias ser castigada.

« ¡ Todos tanto te avisaram
« Que não mexesses no lume ! »
Responde a pequena em pranto :
— Agora perco o costume.



Vendo as criadas...

« ¡ Arde tanto a queimadura !
« Faz de tal modo doer,
« Que, sabendo o que ela é,
« Não torno em lume a mexer. »

A criada, de mansinho,
Segredou-lhe que ao almôço
Tinha bifés, doces, fruta,
E a fruta tinha carôço.

— Terei cuidado ao comer.
Já basta para lição
O grande ardor que inda sinto
Nas costas da minha mão.



⑨ pastor de Entre-Campos

Vinte anos tinham passado sem que eu voltasse àquele sítio, onde me correram algumas horas alegres e as primeiras tristezas que me assaltaram o coração de adolescente.

Havia ali um tanque com peixes encarnados, aqui uma nóra, além um copado cedro, sob a rama do qual se estendia uma magnífica rêde brasileira; do outro lado um caramanchão coberto de mimosas trepadeiras onde tanta vez se almoçava e jantava. ; Tudo desapareceu! Pior: restam tristes vestígios.

O cedro perdeu os opulentos ramos que tocavam no chão. Ficaram-lhe apenas uns raminhos verdes no alto do tronco, onde não chega a fúria da rapaziada. O caramanchão não existe, mas, no sítio que êle occupava, a mesa de pedra jaz derrubada no chão. O tanque não tem peixes nem água, e o poço da nóra está cheio de pedras e entulho. ; O que fazem vinte anos! E enquanto com saudade eu recordava o que esta quinta tinha sido e via o que hoje era, aproximou-se

de mim um rapazito de carapuço verde, cinta encarnada e umas calças muito limpas, mas compostas de remendos de vários tamanhos.

— ¿Que está a senhora a vêr?

— A diferença que vinte anos fazem num sítio.

E, dando um pulo, procurei atingir a rama do cedro, mas sem resultado.



O cão de Miguel

— Assim não lhe chega. Espere que eu vou ajuda-la.

Desenrolou a cinta, atou-lhe uma pedra numa ponta e atirou-a por cima dum ramo. Depois, pegando nas duas extremidades da faixa, obrigou o ramo a vergar-se até eu o poder apanhar. Dei-lhe um vintêm, que êle guardou agradecendo, e perguntei-lhe:

— ¿E's daqui?

— Sim, senhora. Móro alêrn, para lá da esquadra da polfícia.

— ; Andas então a guardar ovelhas?

— Andava de antes. Hoje já guardo cabras, que sempre é melhor ; mas o pequeno, que costuma andar com elas, não tem fato decente para se aproximar da cidade e, como hoje o patrão tinha destinado que o pasto fôsse para aqui, disse-me : «Vai tu, Miguel, porque andas sempre limpo e asseado e dá gosto olhar para ti.» E é verdade, comentava êle com certo orgulho ; apesar de pobre, a minha mãe dá-me roupa lavada duas vezes na semana e eu conservo-a sempre o mais limpa que posso para que ela não lhe custe muito a lavar.

— ; E tu gostas mais de andar com as cabras ou com as ovelhas? perguntei-lhe eu.

— Eu lhe digo, senhora. Ser pastor de cabras é uma posição mais bonita, mas eu quero muito ás ovelhas porque andei dois anos com elas : é família, a bem dizer. Então aqui a minha *Margarida*, — e apontava para uma ovelha negra que comia flôres de cardo no valado vizinho, — mal me ouve a voz, vem a correr do mais longe que esteja e pega de me fazer festas. Mas aqui, — coitadas! — o pasto não é grande cousa. Mal aperta o calor já o não podem comer : é preciso que venha o fresco do poente refresca-lo para que o possam comer.

— ; Como sabes tu isso?

— ; Então a senhora não vê que, a não ser a *Margarida*, que é a mais buliçosa, todas as outras estão deitadas?

— E' verdade, não tinha reparado.

— Pois, quando se deitam assim, é sinal de que a comida não lhes agrada.

E atirando ao cão uma pedrita pelo ar, exclamou :



— Quando eu tive de dizer que a ovelha caíra ao poço...

— Vá, *meninas*, vamo-nos embora.

As ovelhas levantaram-se e desfilaram diante d'êlê, emquanto, com vaidade, o pequeno me ia declinando os seus nomes :

— Esta é a *Roxa*, aquela a *Malhada*; a que vai além é a *Catarina*...

E continuava dizendo os nomes. Por fim voltou-se para mim e ajuntou :

— Olhe que são quarenta e três cabeças! Já não é qualquer cousa. A filha da *Roxa* caiu-me ali no pôço que está atulhado. Foi um grande desgosto. ; Ter de dizer ao patrão que lhe não podia trazer a ovelha, que ela morrêra, quando era justamente a flôr do rebanho! Emfim, passou.

— Como tudo no mundo, comentei eu.

— Adeus, minha senhora, até outra vez. Olhe, estas, que veem cá no fim, são as alfeiras.

— ; Que vem a sêr alfeiras?

— São as ovelhas que ainda não criaram. Só dão por ora o lucro da lã.

— ; Tem graça! Não sabia. Adeus, meu rapaz.

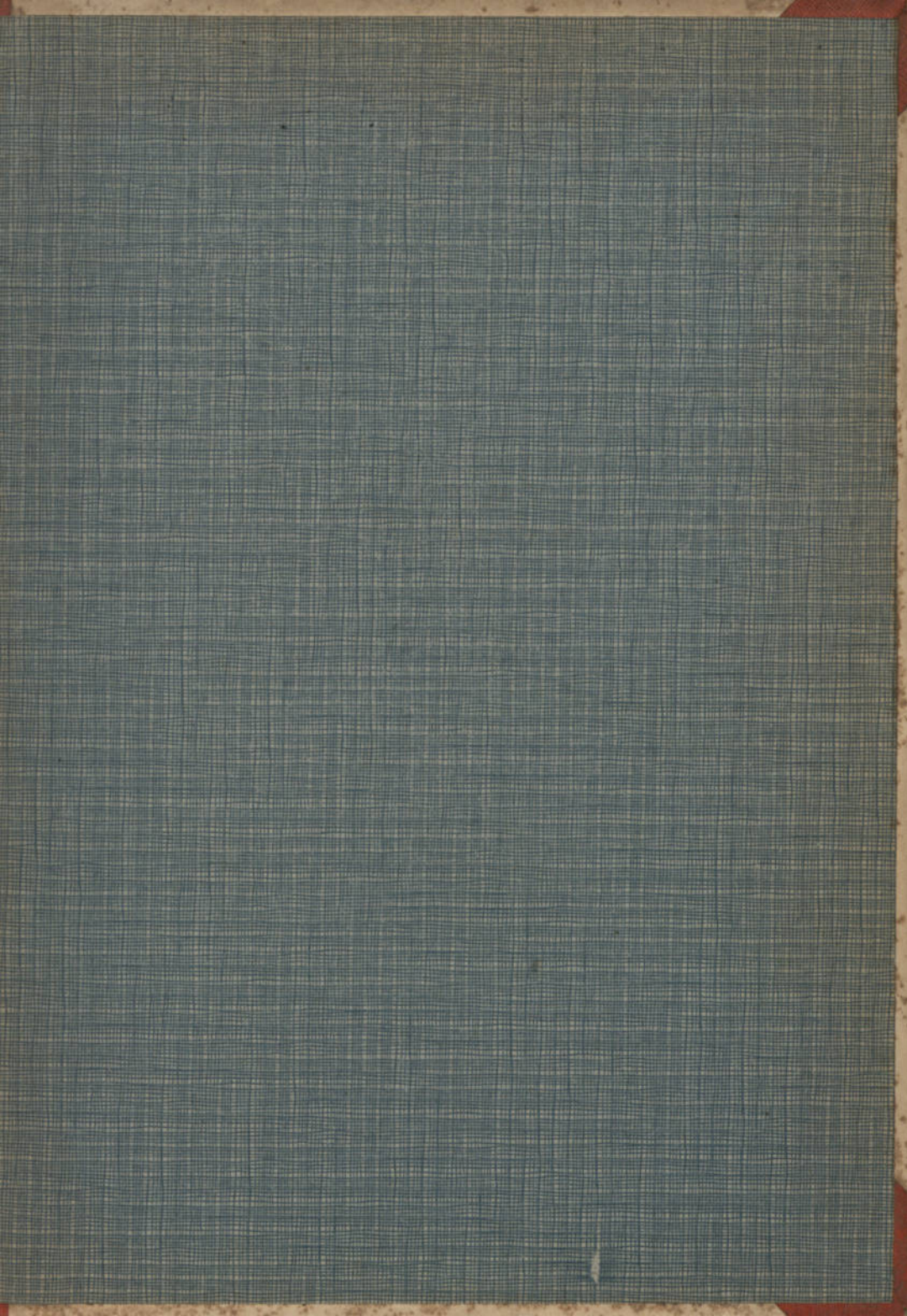
— Até vêr.

E o homemzinho que não contava mais de dez anos, mas que já cumpria tão bem as suas obrigações, afastou-se apoiado ao cajado e assobiando ao cão.

FIM

ÍNDICE

	PAG.
A escrava núbia	5
A lição de Bébé.....	17
Leocádia	21
O nome da irmã	31
Atribuições dum sábio	35
Os três quêijos	43
Um rapaz exemplar	49
O deus Lono.....	59
O porquinho da India.....	63
A merenda de Manuela	67
Porque Daniel não imita Ésquilo.....	73
Prémio pela distinção.....	83
As perguntas de Mário.....	89
Metamorfose.....	99
A rosa de Alda.....	103
Elvira	117
O pastor de Entre-Campos.....	123



PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

Outros livros para creanças, editados por esta casa,
com bonitas encadernações em percaline

As mães e ás filhas, por Cafel	700
A Chave da Sciencia, por Brewer e Moigno, nova tradução muito desenvolvida e ampliada, 3 vols. illustrados com muitas gravuras	6,5000
Contos da avózinha, por J. Q. Travassos Lopes, 3 vols. illustrados	1,5080
Contos, de Pedro Ivo	300
Contos, de Trueba	500
Contos do tio Joaquim	300
Contos e phantasias, por Maria Amalia Vaz de Carvalho	800
Contos para a infancia, por Guerra Junqueiro, 5.ª edição illustrada com chromos	600
Descoberta da India, por Pinheiro Chagas, illus- trado	1,5000
A filha do João do Outeiro, romance por Cafel, illustrado	900
Historias, por Gyp, illustrado	700
Historias de animaes, sua vida, costumes e are- dotas, por Travassos Lopes, 3 vols. illustrados.	1,5200
Ditosa patria minha amada, por J. T. da Silva Bastos, edição illustrada	600
Primeiras leituras, por Cafel, illustrado	600
Leituras correntes e intuitivas (conhecimentos uteis), por Travassos Lopes, 2 vols. illustrados	720
Leituras populares instrutivas e moraes, por Brito Aranha, illustrado	200
Maravilhas da creação, ou historia e descripção illustrada dos animaes, 3 vols. com mais de 500 gravuras	8,5000
Revista branca, dedicada ás creanças	700
Horas de folga, contos por Maria O'Neill, illus- trados, cart.	300